

# coletânea de excertos sobre polêmicas literárias recentes

***Apresentação: Laura Penna  
Alves e Emmanuel Santiago\****

Retomamos aqui duas polêmicas literárias recentes, correndo um duplo risco: primeiro porque, como já dito no Editorial, o adjetivo “literário” se aplica a poucos momentos dessas polêmicas; segundo, porque a percepção de que algo seja recente, para o leitor de hoje, se restringe, talvez, a semanas. Dada a periodicidade de uma revista acadêmica, contudo, tivemos a oportunidade de nos apropriar desses discursos recentemente velhos e propor sobre eles um olhar fora do calor da hora, mas que mantivesse o tom do momento em que foram publicados. Segue então a tentativa de trazer um pouco de literatura para o debate e narrar duas histórias já conhecidas a partir excertos selecionados com a finalidade de tornar evidente a distância entre a maioria das intervenções e as reflexões que abarcassem os aspectos propriamente literários dos objetos discutidos. Antes de narrá-las, observemos que selecionar um texto, recortá-lo e transpô-lo para outro momento enunciativo

\* Emmanuel Santiago é doutorando no Programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira no DLCV-USP e Laura Penna Alves é editora desta edição. Contatos: emmsantiago@gmail.com e laura\_penna@yahoo.com.br.

é, necessariamente, algo que exige uma inevitável descontextualização. Um enunciado – entendido como ato de enunciação – sempre vem acompanhado de um contexto que lhe confere um sentido específico. No entanto, não havendo nada que contradiga o excerto dentro da unidade textual de que foi retirado, ele pode ser pensado como significativo em si mesmo, assim como no caso das citações acadêmicas, que preservam algo de seu sentido original e adquirem novas nuances no texto em que são inseridas.

Prêmio Jabuti 2010

Vamos então a nossa reenunciação interessada. Assim como na fábula “A lebre e a tartaruga”, atribuída a Esopo e recontada por la Fontaine, aqui temos uma competição que contrariou as expectativas daqueles que a acompanhavam de perto. Em novembro de 2010, Sérgio Machado, representante da Record, anuncia em entrevista à *Folha de S. Paulo* a retirada da editora do prêmio Jabuti, o mais antigo do país, organizado pela Câmara Brasileira de Livro (CBL). O livro que ganhou na categoria de melhor romance, *Se eu fechar os olhos agora*, de Edney Silvestre, publicado pela Record, ficou em segundo lugar na categoria de melhor livro do ano de ficção, perdendo para uma publicação da Companhia das Letras – *Leite derramado*, de Chico Buarque –, segundo lugar na categoria vencida por Edney Silvestre. A premiação daquele ano teve a legitimidade de sua decisão questionada publicamente, mas, ao contrário do que se espera ocorrer em premiações literárias, essa indagação não se deu em torno do mérito do livro ganhador, prescindindo de reflexões sobre os romances.

Na fábula de Esopo a tartaruga desafia a lebre para uma corrida e esta, segura de sua superioridade, tira um cochilo que lhe traz a derrota. A tartaruga, contando com o descuido de sua oponente e mantendo-se constante, alcança a inesperada vitória. A exemplo da lebre, o romance de Edney Silvestre acabou não comprovando

seu favoritismo, pressuposto no título de melhor romance, deixando escapar a vitória na fase mais importante da competição, aquela que decide o melhor livro de ficção do ano e na qual são incluídas no júri pessoas ligadas a instituições do setor livreiro, como o Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), a Associação Nacional de Livrarias (ANL) e a Associação Brasileira de Difusão do Livro (ABDL). A partir dessa analogia com a fábula, organizamos os excertos que alimentaram a polêmica, de modo a renomear as assinaturas de algumas intervenções que explicitam um tipo de engajamento em disputas fundamentalmente de mercado. Nessa comparação, a separação entre lebre e tartaruga realiza a leitura dos excertos como cortina de fumaça criada para mascarar os interesses puramente comerciais da polêmica e fazer-nos acreditar que há, de fato, um vencedor e um perdedor.

No entanto, na charge “A corrida”, fazemos outro paralelo, em que a discussão literária é a grande lebre dessa disputa, adormecida e perdedora, quem sabe por excesso de confiança em sua força e astúcia. A discussão em torno do Prêmio Jabuti de 2010 não envolveu o questionamento quanto ao mérito artístico do livro ganhador e prescindiu de uma reflexão mais acurada sobre os romances em disputa. Os representantes comerciais protagonizaram o debate no espaço dos jornais e se concentraram em torno das regras e do funcionamento da premiação, ou seja, do modo de funcionamento de um momento estratégico da vendagem e distribuição dos livros. Agindo de modo previsível, o que surpreende é a naturalização com que aqueles que poderiam participar dessa polêmica de modo distinto não se interessaram pela discussão sobre o valor literário dos romances. Temos assim, nessa outra apropriação da fábula, dois competidores simultaneamente vencedores e perdedores. Vencedores porque garantiram para si sua circulação por meio de grandes editoras, e perdedores porque não despertam a atenção como objetos literários, e sim como mercadorias que

compõem a exposição espetacular de uma briga comercial. Figuramos então duas tartarugas correndo, onde poderíamos ter duas lebres dormindo.

Caçadas de Pedrinho e o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)

A segunda polêmica por nós lembrada também teve início em 2010, quando o Conselho Nacional da Educação (CNE) emitiu um parecer que apontava, entre outras coisas, a necessidade de uma nota explicativa no livro *Caçadas de Pedrinho*, de Monteiro Lobato, que integra a lista do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), responsável pela distribuição gratuita de livros para o Ensino Fundamental e Médio. Esta foi a solução encontrada para responder a uma denúncia, feita à Ouvidoria da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), de que o MEC estaria distribuindo livros didáticos e paradidáticos com teor e expressões racistas, o que contradiria as determinações dessa mesma secretaria. Extrapolando esses espaços institucionais, a polêmica se expandiu para revistas, jornais, sites e blogs. Contudo, é difícil separar os contendedores em contrários ou favoráveis aos pareceres, até porque muitas das falas demonstraram que estes não foram lidos, ou lidos apressadamente. Por outro lado, isso nos facilita prosseguir em outra narrativa e recontá-la a partir da passagem da *Odisseia* em que Ulisses, ao sair do Hades, recebe uma visita de Circe, que o alerta para a ilha das sereias e o perigo que sua embarcação correria naquela região. Sob os conselhos da deusa, Ulisses passa por esse mar amarrado ao mastro por seus marinheiros, que punham cera no ouvido para também não se atirarem em direção a essas criaturas de canto fatalmente sedutor, mas que repousam sobre carniça. Assim, lembramos o mar quase unívoco de falas institucionais burocráticas que colocaram e alimentaram esse debate, bem como apontamos o que seriam, nesse caso, tanto o dogmatismo do canto da sereia quanto as reflexões que operaram como cordas

e ceras e não permitem que os tripulantes se transformem em vítimas de qualquer espécie.

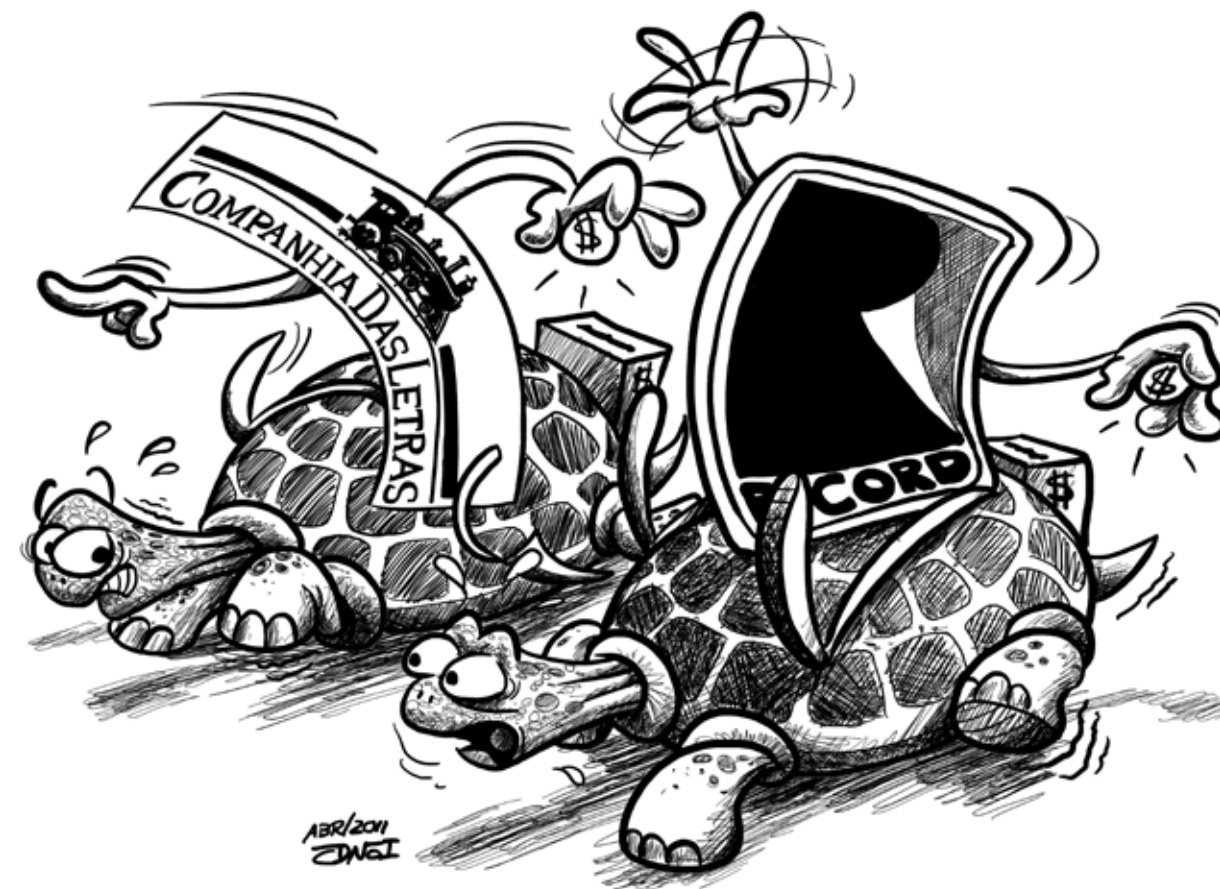
O trajeto de Ulisses é regido por um *Deus ex machina* cujo paralelo podemos traçar aqui com os interesses de mercado, protegidos e alimentados ininterruptamente por diferentes governos, e que parecem ter criado as condições para esse debate. É necessário lembrar que, atualmente, a escolha dos livros didáticos e paradidáticos que integram a lista do PNBE ocorre unicamente entre editoras e governo federal, sendo instituições educacionais e professores excluídos desse processo de decisão e, portanto, prejudicados em sua autonomia pedagógica. Ora, mas se a verticalização das decisões sobre o ensino tem desfavorecido a atividade pedagógica, ela vem a calhar aos interesses editoriais. O MEC é o maior comprador de livros do Ocidente, sendo o mercado infantojuvenil, graças a isso, consideravelmente maior que aquele de livros considerados para adultos. Há assim um uso do dinheiro público voltado para o benefício de poucas editoras e que prioriza o objeto livro em detrimento, principalmente, daqueles que dão sentido pedagógico a ele. Isso fica claro, no caso em questão, com a lógica lucrativa de resolução dos conflitos por nota explicativa, nota de rodapé, manual de explicação etc.

Pois bem; desse mar de interesses privados surgem melodias das quais queremos fugir porque as julgamos sectárias. Estas são tanto melodias que desencorajam o enfrentamento de problemas que nosso tempo coloca ao texto literário, tal como o problema complexo da apropriação literária de estereótipos depreciativos do negro – e também de outros grupos que sofrem com o preconceito – em livros com finalidade pedagógica, quanto canções paternalistas que parecem confundir a literatura com uma espécie “mágica” de documento, intimamente ligada a uma concepção obtusa de realismo e indutora de um comportamento determinado. No primeiro caso, vimos a defesa de uma “alta literatura”

que transcenderia aspectos tidos como de menor importância, como as questões étnicas e outras relativas à dimensão simbólica do corpo. Haveria, nesse ponto de vista, uma espécie de dispensabilidade de uma discussão, por princípio, sem legitimidade de existência. No segundo caso, a taxação de um livro como racista sem a discussão de seus critérios de julgamento, a ausência de justificativas que partissem de experiências pedagógicas concretas e, por fim, a sugestão de proibição de sua compra por parte do Estado podem nos fazer voltar a uma espécie de *index*, pois empregam expedientes de exclusão muito parecidos com a política pouco democrática do governo federal.

Nesse sentido, por melhores que sejam as intenções em pautar as questões étnico-raciais, eles sempre soarão restritas se desligadas de questões mais gerais relativas à política e ao poder. Ao tentar impor uma aceitação imediata das políticas de reparação, temos,

inclusive, a dificuldade do surgimento de formulações mais eficazes criadas e aplicadas localmente. Esquecendo a submissão geral a um sistema educacional verticalizado, os participantes da polêmica pareceram “comprar” as regras do jogo e querer apenas substituir um controle por outro. Por outro lado, o desagrado em relação ao livro *Caçadas de Pedrinho* não deveria ser tratado como opinião perigosa a ser eliminada, mas como posição que precisa ser debatida, a começar dentro das escolas, até para que haja um esforço de representatividade entre aqueles que supostamente os teriam como porta-vozes de combate ao racismo. Optando assim por fugir de imperativos éticos que, historicamente, já acenderam muita fogueira para se queimar livros e de imperativos estéticos que desprezam o cultivar silencioso de outras chamadas, recontamos essa polêmica por meio de vozes que contribuíram, como ceras e cordas, para a fuga de soluções fáceis para o problema.



Tartaruga n. 1

“Não estou aqui para defender a excelência dos meus romances. Também já compreendi que, para muitos, é inconcebível que um cantor e compositor de música popular ganhe prêmios literários.” (Chico Buarque, em e-mail para O Globo, 13 dez. 2011)

Organizadores do prêmio

“No ato da inscrição das obras que concorreram ao Prêmio Jabuti 2010 – que este ano, a propósito, teve recorde de inscritos –, todos os participantes declararam conhecer o regulamento da premiação.”

(Câmara Brasileira de Livros - CBL, em “Nota de esclarecimento à imprensa - Prêmio Jabuti 2010”, 13 nov. 2010)

Patrocinador da Tartaruga n. 1

“Se a cada derrota um partido político abandonar o Congresso, ou dizer ‘assim não brinco mais de democracia’, para onde irão nossas instituições, qual a possibilidade que teremos de discutir e criar novas regras, em atitude de respeito aos que pensam diferentemente?  
(...)

Atribuir a vitória de “Leite Derramado” à simpatia do escritor pela candidata vencedora das últimas eleições, poucos dias após a realização destas, é apenas mais um capítulo da história política brasileira recente (...). Não discutimos propostas de governo na campanha eleitoral, assim como não discutimos os possíveis problemas dos nossos prêmios literários. Coincidência?”

(Luiz Schwarcz, editor da Cia. das Letras, “Quem garfou Edney Silvestre? – ou como se discute um prêmio literário no Brasil”, Folha de S. Paulo, 21 nov. 2010)

Tartaruga n. 2

“A aceitação que busco, mesmo, é a dos leitores. Não fiz – nem me caberia – nenhum comentário público sobre a polêmica do Jabuti (...). Por isso mesmo, só posso lamentar que, numa discussão em nome de ética, respeito, delicadeza e cultura, seja gratuitamente atacado por um dono de uma poderosa editora “concorrente”, que bem sabe que nós autores – ainda mais iniciantes – somos o elo mais fraco neste mercado surpreendentemente tão hostil.”

(Edney Silvestre, “Somos o elo mais fraco neste mercado hostil”, *Folha de S. Paulo*, 28 nov. 2010)

SOLIDÁRIO À TARTARUGA N. 1

“(...) vi esse manifesto [‘Chico, devolve o Jabuti’] na internet como mais uma Marcha da Família com Deus pela Liberdade expressando-se de forma verbal.”

(Caetano Veloso, “A revolta do quelônio”, O Globo, 29 nov. 2010)

UM COMPETIDOR FORA DA COMPETIÇÃO

“Prêmio literário ‘Jabuti’: a) anda devagar b) prestígio só dentro do casco (intellectualoides) c) nunca vendeu livros.”

(Paulo Coelho, via Twitter)<sup>3</sup>

Patrocinador da Tartaruga n. 2

“Esse prêmio, do jeito que está sendo disputado, poderia ser feito na plateia do Faustão. Ou do Silvio Santos. Porque não tem absolutamente nenhum critério.

(...)

Fui apenas o menino da fábula que gritou que o rei está nu. Não quero ser alfaiate de trajes reais, deixo isso para os encarregados de organizar a premiação. Não percebe Schwarcz que a atitude que tomei prima pela transparência e lisura. Tenho mais a fazer do que discutir remuneração de jurados ou custos de festas, como propõe ele, para desviar o foco do debate.

(...)

o momento que ele tem essa segunda etapa, na qual você reúne os três primeiros lugares, eles vão para um voto entre os associados, um voto que não é atribuído ao mérito, porque nenhum dos associados terá lido aqueles livros. Se algum leu, foi o seu, e acaba sendo um concurso de beleza, passa a ser um voto de simpatia.”

(Entrevista de Sérgio Machado, presidente do Grupo Record, à *Folha de S. Paulo*, 14 nov. 2010)

“Advogada” da Tartaruga n. 2 no processo de anulação da corrida

“Eu acho isso um sintoma da nossa pobreza cultural, da nossa caipirice. No Canadá existe uma situação muito parecida, mas não acontece nada disso. Você tem o Leonard Cohen, que é o grande “lyricist” [letrista], o grande poeta de música, o grande músico nacional, que tem quatro ou cinco romances, vários livros de contos, ele nunca teve que ganhar prêmio no Canadá, apesar de ser um ídolo nacional.”

(Entrevista de Luciana Vilas Boas, diretora editorial do Grupo Record, à Folha de S. Paulo, 14 nov. 2010).

Autor do abaixo-assinado:

“Tartaruga n. 1, devolve o Jabuti!”

“Me sinto mal ao ler as barbaridades que a petralhada escreve por lá, dirigidas a você [Reinaldo Azevedo], quando o alvo deveria ser a minha pessoa. Li até uma acusação de que eu não existo e seria apenas um pseudônimo seu”.

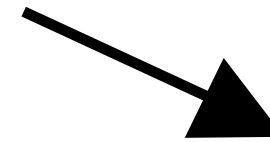
(Anderson Santana, autor da petição on-line “Chico, devolve o Jabuti”, via blog de Reinaldo Azevedo)<sup>2</sup>

Líder dos opositores à Tartaruga n. 1

“O editor escreve um artigo no caderno ‘Ilustríssima’, na *Folha* deste domingo. Tropeça várias vezes: na tese, no mérito e até no subjuntivo – pelo visto, o artigo não foi enviado a tempo a um dos revisores de sua empresa. Vamos lá. Ele segue em vermelho. Eu vou de azul.”

(Reinaldo Azevedo, via blog)<sup>1</sup>

ESTE É O TAMANHO MÁXIMO QUE A  
IMAGEM ALCANÇA MANTENDO A RE-  
SOLUÇÃO NECESSÁRIA PARA IMPRES-  
SÃO COM QUALIDADE (270 DPI)



“Não há veto e não há censura na decisão do CNE. Há esclarecimento e orientação. Quem se opõe a isto parece não compreender que todos têm direito à informação correta.”

(Maria Izabel Azevedo Noronha, presidente da Apeoesp e membro do Conselho Nacional de Educação)<sup>6</sup>

*“A academia, na linha das suas convicções democráticas, rejeita qualquer tipo de censura e entendeu a manifestação do Conselho como uma forma de censura.”*

(Marcos Vinícios Vilaça, presidente da Academia Brasileira de Letras – ABL, em declaração à reportagem “Livro de Monteiro Lobato é liberado para ser usado em sala de aula”)

**“As expressões que o livro contém são expressões de um conteúdo fortemente preconceituoso e que precisam de tratamento explicativo na sala de aula pra que não se ofenda a autoestima das crianças e dos leitores.”**

(Eloi Ferreira de Araújo, ex-ministro-chefe da Seppir, em declaração à reportagem “Livro de Monteiro Lobato é liberado para ser usado em sala de aula.”)<sup>7</sup>

A CERA E O MASTRO

“É triste perceber que, na opinião da maioria da sociedade, o racismo não é tão perigoso como o nazismo, tão abominável como a pedofilia, tão ofensivo como a simples invasão de privacidade.” (Alberto Mussa, “Me convençam”, *Jornal Literário Rascunho*)

“Como os antigos diziam que *quem paga a música escolhe a dança*, talvez se acredite hoje ser correto que quem paga o livro escolha a leitura que dele se vai fazer. A situação atual tem sua (triste) caricatura no lobo de Chapeuzinho Vermelho que não é mais abatido pelos caçadores, e pela dona Chica-ca que não mais atira um pau no gato-to. Muda-se o final da história e re-escreve-se a letra da música porque se acredita que leitores e ouvintes sairão dos livros e das canções abatendo lobos e caindo de pau em bichanos. Trata-se de uma ideia pobre, precária e incorreta que, além de considerar as crianças como tontas, desconsidera a função simbólica da cultura.”

(...)

Um bom leitor de Lobato sabe que Tia Nastácia encarna a divindade criadora do Sítio do Picapau Amarelo. Ela é quem cria Emília, de uns trapos. Ela é quem cria o Visconde, de uma espiga de milho. Ela é quem cria João Faz-de-Conta, de um pedaço de pau. Ela é quem “cura” os personagens com suas costuras ou remendos, quem conta as histórias tradicionais, quem faz os bolinhos. Se é mostrada como negra e ex-escrava, é porque essa era sua cor e a realidade dos afrodescendentes no Brasil dessa época. Não é um insulto, é a triste constatação de uma vergonhosa realidade histórica.”

(Marisa Lajolo, “Governo Lula censura Lobato”, *Sibila*)<sup>9</sup>

“Décadas se passaram. Expressões que não eram consideradas ofensivas, hoje são. Mas, em se tratando de Monteiro Lobato, de um clássico brasileiro da literatura infantil, nós só temos que contextualizar, advertir e orientar sobretudo o professor sobre como lidar com esse tipo de matéria em sala de aula.”

(Fernando Haddad, ministro da Educação, em declaração à reportagem “Livro de Monteiro Lobato é liberado para ser usado em sala de aula”)

“Me parece evidente que as aulas de leitura são fundamentais para a formação de leitores. Mas eu não sei até que ponto as crianças devem ser obrigadas a ler os cânone. Recentemente houve uma polêmica em torno de um livro do Monteiro Lobato, por causa das expressões racistas que ele usa para se referir a uma personagem negra. Sou contra censurar ou alterar o conteúdo das obras, mas acho que o Estado não deveria adotar livros com esse conteúdo em sala de aula. Se eu tivesse um filho negro, não gostaria que ele fosse obrigado a ler Monteiro Lobato na escola. Não gostaria de vê-lo exposto a este maltrato.”

(Paulo Franchetti, *Correio Popular de Campinas*)

O CANTO DA SEREIA E A VOLTA DAS METÁFORAS BIOLÓGICAS

“Quando Monteiro Lobato escreve: ‘Tia Nastácia, esquecida dos seus numerosos reumatismos, trepou, que nem uma macaca de carvão’, o que ele faz é usar duas comparações, uma retirada do reino animal, para descrever a ação, e outra de elementos da natureza, para descrever a cor. (...) Se a diversas pessoas for perguntado qual animal sobe rápido em troncos, nove entre dez citarão o macaco. E Tia Nastácia, uma das personagens mais queridas e simpáticas da literatura brasileira, era uma senhora negra. Terá alguma etnia – ou qualquer outro grupamento humano – o privilégio de não poder ser exposta ao cômico ou ao ridículo? O curioso é que quase todas as chamadas minorias afirmam querer ser reconhecidas como o que são, mas quando o são, acham-se ofendidas.”

(Alexei Bueno, “Quem é racista”, *Jornal Literário Rascunho*)

“Deixo claro, para que me critiquem melhor: defendo que sejam suprimidas ou reescritas todas as passagens racistas dos textos infantis de Monteiro Lobato. Ou no mínimo – a exemplo do que se faz com o fumo – que se advirta: ‘Este livro contém pensamentos e expressões que configuram discriminação racial’.”

(Alberto Mussa, “Me convençam”, *Jornal Literário Rascunho*)<sup>8</sup>

*“Sendo assim, é necessária a indução dessa política pública, pelo Governo do Distrito Federal, junto às instituições de ensino superior, com vistas a formarem professores que sejam capazes de lidar com esse tipo de situação no cotidiano escolar.”*

*A obra Caçadas de Pedrinho só deve ser utilizada no contexto da educação escolar quando o professor tiver a compreensão dos processos históricos que geram o racismo no Brasil.”*

(Nota Técnica CNE/CEB nº 044/2010)<sup>5</sup>

Notas

- 1Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/>>. Postado em 22 nov. 2010. Acesso: 15 fev. 2011.
- 2Postado em 30 nov. 2010. Acesso: 15 fev. 2011.
- 3Disponível em: <<http://twitter.com/#!/paulocoelho>>. Postado em 29 nov. 2010. Acesso: 23 fev. 2011.
- 4Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12992:diretrizes-para-a-educacao-basica&catid=323:orgaos-vinculados](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12992:diretrizes-para-a-educacao-basica&catid=323:orgaos-vinculados)>. Acesso: 13 jan. 2011.

- 5Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12992:diretrizes-para-a-educacao-basica&catid=323:orgaos-vinculados](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12992:diretrizes-para-a-educacao-basica&catid=323:orgaos-vinculados)>. Acesso: 13 jan. 2011.
- 6Disponível em: <<http://apeoesp.org.br/clipping/monteirolobato.html/>>. Acesso: 25 fev. 2011.
- 7Disponível em: <<http://g1.globo.com/vestibular-e-educacao/noticia/2010>>. Postado em 5 out. 2010. Acesso: 20 nov. 2010.
- 8Disponível em: <<http://rascunho.rpc.com.br/index>>. Postado em nov. 2010. Acesso: 12 fev. 2011.
- 9Disponível em: <<http://www.sibila.com.br/index.php/mix/1686-governo-lula-censura-lobato>>. Postado em ago. 2010. Acesso: 20 nov. 2010.